

**SUASSUNA: UM MESTRE DA LITERATURA BRASILEIRA**  
*SUASSUNA: A MASTER OF BRAZILIAN LITERATURE*

Rita de Cácia V.M de Sousa,  
Pedro Henrique de Moraes Batista,  
Ariadne Borges Coelho,  
Maria Júlia B. de Holanda

**RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo analisar o papel do escritor Ariano Suassuna, idealizador do Movimento Armorial, na criação de uma literatura que buscava no século XX, um projeto estético singular e brasileiro. A obra “*suassuniana*” é composta por elementos do simbolismo, barroco e marcas da literatura de cordel. Suassuna refletia sobre a necessidade de reconhecer-se herdeiro de uma arte que não precisa ser legitimada pela “*imposição*” cultural. O fortalecimento e preservação da cultura nacional era o ideal do escritor paraibano. Com o Movimento Armorial, gestado por ele, buscou estimular a arte literária nacional ao unir elementos populares e eruditos. Alguns conceitos sobre a literatura, sua relação na formação de leitores e os aspectos da literatura erudita e da literatura popular, também, foram analisados, contudo, não há a intenção de sugerir a superioridade ou inferioridade de uma em relação à outra, mas demonstrar a sincronia que pode haver entre elas e proporcionar um entendimento da construção do “*universo*” de Suassuna. Trata-se de um artigo descritivo, desenvolvido por meio de pesquisa qualitativa e os dados foram obtidos em análise bibliográfica. Os resultados mostram que existe um problema de pouca valorização da arte literária nacional, muitas vezes, provocado por falta de divulgação ou por preconceitos. Logo, a produção realizada por Suassuna é fundamental na produção de novos trabalhos voltados às questões de leitura, cultura e arte brasileira.

**Palavras-chave:** Arte literária; Cultura; Literatura; Movimento Armorial.

**ABSTRACT**

*This paper aims to analyze the role of Ariano Suassuna, "Armorial" Movement creator, an effort that sought a full- brazilian aesthetic project in the twentieth century. Symbolism, baroque and marks of cordel literature are seem in Suassunian composing. Suassuna reflected about being inheritor of an art that have no lack of legitimization by cultural 'imposition'. Strengthening and preservation of national culture was the ideal of the Paraiban writer. He sought to stimulate national literary art by uniting popular and scholarly elements on Armorial Movement, which he managed. This paper also assays some literature concepts, its relation in readers literacy, and intercourses between erudite and popular literature. Notwithstanding, it is not intended to suggest the superiority or inferiority of one in relation to the other, but to demonstrate the synchrony that may exist between them, and provide an understanding of Suassuna's "universe" erection. This is a descriptive article,*

*developed through qualitative research from data obtained in bibliographic analysis. Outcomes exposes some displeasure of national literary art, often caused by prejudice and lack of disclosure. Therefore, understanding Suassuna's production is central in the production of new works focused on reading, culture and Brazilian art issues.*

**Keywords:** *Literary Art; Culture; Literature; Armorial Movement.*

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo de tema “Suassuna: Um mestre da literatura brasileira” pretende compreender como o escritor Ariano Suassuna contribuiu na construção de uma literatura singular, no século XX, tendo como base elementos populares e nacionais.

A presença de Suassuna na cultura brasileira vai além de seus livros. O autor fundou o Movimento Armorial que modernizou o teatro brasileiro e ajudou a difundir escritores e artistas nacionais.

À vista disso, apresenta-se à trajetória histórico-sociocultural “suassuniana”, ao enfatizar temas importantes para a compreensão do objetivo do trabalho, como as influências que construíram o “*universo*” literário de Suassuna.

Discute-se também para contextualização do tema, a dicotomia entre a literatura erudita e a literatura popular considerando os Estudos Culturais e analisando as características de ambas no campo literário.

Ao longo da pesquisa, é proporcionada ao leitor a possibilidade de reflexão sobre o Movimento Armorial e o seu papel particular na cultura brasileira de modo a valorizar e estimular um projeto literário nacional e construtor de uma arte singular.

## **A TRAJETÓRIA HISTÓRICO-SOCIOCULTURAL "SUASSUNIANA"**

Ariano Suassuna nasceu em 16 de junho de 1927, em Nossa Senhora das Neves, hoje chamada de João Pessoa, na Paraíba. Cerca de um ano após seu nascimento, João Suassuna, seu pai, era presidente da Paraíba - o que hoje corresponde ao governador de um estado - e deixa o governo para mudar-se com a família para uma fazenda chamada *Acauhan*, no sertão nordestino.

Com a Revolução de 30, devido às perseguições políticas, João Suassuna é assassinado, no Rio de Janeiro, deixando sua esposa Rita- mãe de Ariano Suassuna - e seus nove filhos. Na época, Suassuna tinha três anos de idade e guarda poucas lembranças de seu pai. Conforme Tavares (2007, p.22), “a infância de Ariano foi marcada, portanto, não apenas pela ausência trágica da figura paterna, mas também pela condição de se saber pertencente a um clã derrotado”.

A família de Suassuna mudou-se para Taperoá, localizada no interior paraibano. De acordo com Victor; Lins (2007), o futuro romancista paraibano denominava Taperoá como “*sua terra*”, pois, segundo Suassuna, “este é um nome que se dá a lugares onde vive a família, onde há a sensação de estar-se em casa e, principalmente, é como se chama aquele pedaço do mundo de que gostamos mais do que todos os outros.” (p.12).

Esse pequeno município foi fundamental para impulsionar o autor que seria um perseverante defensor da cultura nacional. Suassuna familiariza-se com as variadas formas de representação e manifestação da cultura popular nordestina, principalmente, com os desafios de viola, o teatro dos “mamulengos” e o circo.

É na infância em Taperoá que Suassuna passa a ter o costume da leitura em sua rotina. João Suassuna tinha uma biblioteca composta por obras como “Os três mosqueteiros”, de Alexandre Dumas. Entretanto, uma obra influenciou diretamente Suassuna; foi o livro do autor Euclides da Cunha intitulado “Os Sertões”. Por meio desta obra, Ariano Suassuna tornou-se um leitor assíduo (VICTOR; LINS, 2007).

Conforme Victor; Lins (2007, p.34), “Ariano repetiu muitas vezes que a infância, e também a adolescência, é o tempo em que se forma o universo mítico do escritor”. Nota-se que aos poucos Suassuna começa a aproximar sua escrita da realidade nordestina. As presenças do Romancero do Nordeste, a oralidade da literatura de cordel, as atrações circenses e a sua vivência no sertão paraibano marcam os traços na personalidade de Suassuna. Elementos que viriam a construir o seu universo ficcional.

Em 1942, Suassuna e sua família se mudam de Taperoá para a capital Recife. Com isso, Ariano Suassuna se envolve de maneira, ainda mais, engajada no que se refere à cultura popular. Seu trajeto intelectual e literário começa a se lapidar com a valorização, divulgação e defesa de uma cultura popular e nordestina criada no povo e a favor do povo. (VICTOR; LINS, 2007)

No ano de 1945, ingresso no colégio Oswaldo Cruz – que teve como estudante outra figura emblemática, o educador Paulo Freire – Suassuna, aos dezoito anos, conta com o auxílio de seu professor de geografia, chamado Tadeu Rocha, para publicar aquele que seria o seu primeiro poema. Ele recebeu o nome de “Noturno”, e foi exposto no “Jornal do Commercio”, no dia sete de outubro do mesmo ano. (VICTOR; LINS, 2007)

No poema supracitado, Suassuna questiona-se sobre um elo existente entre o amor e a morte. A relação entre o eu lírico e a falecida amada que, ainda, se faz presente e o “*chama*” a acompanhá-la. O escritor paraibano demonstra sua escrita sutilmente romântica.

Mais tarde, discente de Direito, Suassuna conhece Hermilo Borba Filho, vindouro dramaturgo e ensaísta, que juntos inaugurariam o Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP), em 1945. Foi Borba Filho que mostrou para Suassuna a obra do dramaturgo e poeta espanhol Frederico Garcia Lorca. Por conseguinte, um novo significado surge no caminho da literatura de Suassuna. (VICTOR; LINS, 2007)

Segundo Magno (1978, p.5), “acho que a coisa mais importante do Teatro do Estudante, nessa época, foi impor a língua brasileira no nosso palco. Naquele tempo, o ator nacional falava português com um terrível sotaque lusitano.”.

Os integrantes do TEP despertaram, incentivaram, fundaram e apresentaram às primeiras cenas de manifestações inaugurais de uma dramaturgia nordestina, que correspondia à tradição regional, aos contos e mitos, ao romancero e ao espírito popular fiel e profundo. (BORBA FILHO, 1970).

No período de 1947, Suassuna escreveu sua peça primordial intitulada “Uma mulher vestida de Sol” que ganhou um concurso promovido, nacionalmente, pelo TEP. O prêmio, chamado “Nicolau Carlos Magno”, foi patrocinado pelo fundador do

Teatro do Estudante do Brasil, o escritor Paschoal Carlos Magno (VICTOR; LINS, 2007). No ano seguinte, Suassuna homenageou o poeta espanhol Lorca ao escrever “O desertor de princesa”. Era uma espécie de reescritura de “Cantam as harpas de Sião”, de Lorca. (VICTOR; LINS, 2007).

Nota-se que Ariano Suassuna possui um repertório que se utiliza das raízes presentes nas atrações vividas na infância em Taperoá e as correlaciona com autores considerados eruditos. As leituras de clássicos ibéricos - entre eles Gil Vicente, Lope de Vega e Calderón de la Barca - e Euclídes da Cunha influenciam diretamente a produção literária do autor paraibano.

Um novo marco na produção de Suassuna foi apresentado no ano de 1955 com “O Auto da Compadecida”. A obra marca de forma definitiva o talento de Suassuna para o gênero cômico. O palhaço, tão admirado por Suassuna na infância, está presente em várias obras do autor. Nesta, o palhaço é o narrador Gregório, uma homenagem ao artista de circo que Suassuna presenciava em Taperoá. (VICTOR; LINS, 2007).

“O Auto da Compadecida” retoma elementos do teatro popular, presentes nos autos medievais como o de Gil Vicente, e dos folhetos de cordéis para enaltecer os humildes e satirizar os religiosos e os poderosos que dão importância apenas para os bens materiais. Outro traço é a exposição de forma amena e divertida do drama vivido pelo povo sertanejo atormentado pela seca.

Em seguida, o autor paraibano escreveu: “O casamento suspeito” (1957), “O santo e a porca” (1957), “A pena e a lei” (1959) e a “Farsa da boa preguiça” (1960). Todas foram representadas no espaço teatral. E, no ano de 1971, Ariano Suassuna apresenta uma obra que foi fundamental em seu trabalho, intitulada de “Romance d’ A Pedra do Reino” e que tinha nota da escritora Rachel de Queiroz.

Em uma entrevista concedida ao canal da internet “Imagem da Palavra”, no ano de 2013, o romancista paraibano aborda a questão de existir uma “mistura” entre o popular e o erudito em sua escrita. O autor relata que o vocábulo “mistura” infere a ideia de heterogeneidade, o que não se apresenta em suas obras. Suassuna diz: “eu falo, sempre, de uma cultura erudita brasileira que mantenha contato com a popular, porque eu acho que o popular é uma das coisas mais verdadeiras que a gente tem”.<sup>1</sup>.

## **A ESCRITA CONSOLIDADA DE SUASSUNA**

Os componentes que marcavam a trajetória literária do escritor paraibano foram passando por amadurecimento e transformações naturais que definiam os rumos de suas obras. Nota-se, em suas produções, influências como: a morte de seu pai, as leituras das obras de grandes autores em sua infância e, posteriormente, ao encontrar com Zélia de Andrade Lima, sua futura esposa e companheira de produções literárias do escritor popular e erudito. (VICTOR; LINS, 2007).

Suassuna destaca-se por defender a autenticidade da cultura nacional. Questionado sobre a necessidade de defender a cultura brasileira, o autor diz em entrevista, no ano de 2013, ao canal “Imagem da Palavra”:

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida ao canal “Imagem da Palavra”, em 26/12/2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QoKMFszPz-A>.

o bombardeio em cima da cultura brasileira é muito grande por parte dos meios de comunicações em massa, e eu acho que por isso é preciso defendê-la. [...]. Acredito que existe certa baixa autoestima do povo brasileiro em relação a sua cultura. Eu presenciei um tempo, eu participei de um tempo, em que essa autoestima era quase zero. O povo brasileiro era convencido de que o Brasil era um país de quarta categoria, conseqüentemente, a cultura brasileira era de quarta categoria.<sup>2</sup>

A escrita de Suassuna é singular e desenvolveu uma linguagem que torna agradável a leitura dos seus livros. O nome do dramaturgo costuma ser ligado ao papel fundamental na modernização do teatro brasileiro. Suas obras já foram adaptadas para o cinema, televisão e para traduções destinadas ao exterior. Demonstrou a possibilidade de unir o erudito ao popular.

Suas produções o levaram a ocupar a cadeira de número 32, na Academia Brasileira de Letras, em 1989. Suassuna relata que sua escrita é como os folhetos de cordel, pois o encontravam e “*profetizavam*” que os folhetos de cordel iriam ser extintos. O autor brinca que “uns dez ou doze que lá já foram... já ‘*embarcaram*’. E o cordel ainda ‘*tá lá*’”.<sup>3</sup>

O debate entre as diferenças sobre o que é tido como erudito e o que é popular, durante as variadas fases culturais, mostra-se presente. A história da cultura tem como indício essa centralização, ou seja, o erudito apontado como a maneira exclusiva de se fazer cultura. O popular seria, na visão dos “*superiores*”, a contrariedade da cultura e, além disto, a escassez da civilização. (BIZZOCCHI, 1999, p. 74).

Ao discutir-se sobre literatura, os questionamentos sobre as diferenças de conceitos entre os vocábulos culto, erudito e popular estão presentes.

Campos (1992, p.13), explica que “as classificações e o próprio conceito de literatura e os juízos dele decorrentes ‘refletem a ideologia dominante’ em determinado contexto histórico-social.”.

Consoante Rocco (1981) entende que ao fazer essa “*polarização*”, reforça-se à ideia de que o produzido pela cultura popular é mais acessível e afável, mas desprovido de pluralidade. Em relação aos textos literários, eles ofereceriam variadas opções e alta capacidade de criação, embora sejam menos acessíveis.

Ariano Suassuna, em texto do jornal “Correio da Manhã”, critica essa dicotomia entre erudito e popular com relação à ideia de superioridade e inferioridade, ao invés de apenas uma diferença de manifestação cultural. Suassuna (1971) apud. Novais (1976, p.39) relata que:

Esse preconceito começa a ser demonstrado pela divisão de literatura popular e literatura erudita. E continua com o julgamento em termos de valor e não de diferença. Em termos de hierarquia, como se a literatura erudita fosse superior, quando, a meu ver, a questão é só de diferença.

---

<sup>2</sup> Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QoKMFszPz-A>. Acesso em 03 de out. 2018.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rT2Kty-kc8U>. Acesso em 10 de nov. 2018.

Pode acontecer que uma literatura erudita seja superior a uma literatura popular. Mas pode acontecer o contrário, também. E, às vezes, numa grande obra, a gente encontra a vertente de várias correntes – ora eruditas, ora populares.

A respeito disso, Sodré (1978) lembra que o artista pode apresentar situa es ideológicas diversas no interior de sua obra, sem provocar aversão, mesmo que haja posi es de classe diversas e combina es de formalidades diferentes. Dessa forma, existem múltiplos significados ao se tratar de literatura, em rela o a diferentes contextos e todos podem ser discutíveis.

Para Sodré (1985), a literatura culta   a que tem reconhecimento institucional, possui uma linguagem erudita e tramas complexas, que conduz o leitor ao pensamento crítico. A literatura de massa tem uma linguagem mais informal e com o objetivo de entreter, não tendo, necessariamente, o objetivo de provocar reflexões em seus leitores.

Entretanto, a ideia de que este tipo de literatura reprime a crítica social   equivocada. A crítica   feita em segundo plano. Conforme Sodré (1985, p.6), “A literatura de massa não tem nenhum suporte escolar ou acad mico: seus estímulos de produ o e consumo partem do jogo econ mico da oferta e da procura, isto  , do próprio mercado”. Com isso, gera um efeito ideológico diferente.

Para Sodré, “o escritor de certo modo cria uma língua própria quando escreve” (1985, p. 14), ou seja, a linguagem   recriada pelo autor. Este   o belo e considerável aspecto da literatura erudita, essa representa o própria de autor que encena sua significa o própria e, nem sempre, ligada aos fatos históricos e ao retrato fidedigno da sociedade, talvez, por isso, alguns leitores podem não se identificar na obra erudita e começar a se distanciar deste tipo de escrita.

Mafra (1997) explica que um trabalho mediador entre a literatura popular e a erudita   necessário, pois a nega o dessa prática docente causaria o interromper da inicia o literária que ela proporciona aos jovens. Deve-se buscar ampliar esse horizonte e democratizar o acesso   arte literária.

O dramaturgo Ariano Suassuna relata que um fato o incomodava em alguns livros que eram apresentados como literatura popular. Estudantes de Comunica o Social pediram um depoimento de Suassuna para elabora o de um trabalho sobre varia o diatópica. O escritor paraibano relata:

Eu acho que existe até um preconceito contra o povo. Quando o pessoal vai apresentar um personagem popular faz questão de errar a grafia dos nomes. [...]. Eu não gosto de quem escreve o português deturpado pra representar o português popular. [...] Eu procuro atingir o espírito da linguagem popular e não a letra.<sup>4</sup>

O ato de ler, além de promover o aprendizado em sala de aula, gera indivíduos críticos que buscarão a melhoria da sociedade em que se vive. Um livro bom, seja de literatura erudita ou popular,   aquele que promove o pensar em seus leitores. Neste aspecto, toda leitura deveria ser válida, uma vez que o contato com

---

<sup>4</sup> Depoimento do escritor Ariano Suassuna. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FL-gbfOudq8>. Acesso em: 17 nov. de 2018.

os diversos tipos de livro proporcionará um pilar de leituras que sustentarão as que vierem em sequência.

## **O MOVIMENTO ARMORIAL COMO CONSTRUÇÃO DE UMA ARTE SINGULAR**

Desde a sua apresentação oficial, o Movimento Armorial demonstra a diversidade das artes que se faz presente e que serviram como motivação para outros artistas armoriais que vieram em seguida. Ao referir-se ao Movimento, é fundamental destacar que entre o erudito e o popular, tanto na escrita quanto na oralidade, ele reflete na cultura brasileira um papel peculiar. A partir da reunião de elementos culturais com relevância a originalidade e singularidade para a criação artística encontrando na voz popular a inspiração temática, abastada de inovações poéticas. (VICTOR; LINS, 2007).

O período histórico que antecedeu o Movimento Armorial foi chamado de Modernismo. Ariano Suassuna, inclusive, é considerado da geração modernista de 45, a chamada terceira fase do modernismo brasileiro. Após o fim da Segunda Guerra Mundial e a perda do poder de Getúlio Vargas, os escritores - opostos à geração de 30 que se preocupavam mais com as questões políticas e ideológicas - focaram em direção ao experimento estético literário por meio da prosa e poesia. Estes foram responsáveis pela grande produção literária que proporcionou uma visão relacionada à questão estética no Brasil.

No início dos anos 70, com passados seis anos do golpe militar instaurou-se um período de tensão e uma censura de atuação reprimida. Na época, os assuntos relacionados à cultura, em locais públicos, eram considerados como comportamentos suspeitos. O estado de Pernambuco, especificamente em sua capital Recife, representava um dos principais locais atuantes ao se falar de cultura, devido aos grupos de intelectuais e artistas. Um desses grupos era intitulado Armorial.

A respeito das origens do Movimento Armorial, ressalta-se um breve retorno ao ano de 1946. O futuro fundador, Ariano Suassuna, encontra-se ingresso na Faculdade de Direito do Recife, cenário pernambucano central do Movimento. Em uma aula-espetáculo no Tribunal Superior do Trabalho, no ano de 2012, Suassuna relata que não tinha vocação nenhuma para o Direito:

[...] no meu tempo só havia três opções: Medicina, Engenharia e Direito. Quem era bom em conta de somar ia fazer Engenharia – não é o meu caso, eu sou ruim; eu faço uma conta de somar seis vezes, obtenho seis resultados diferentes, todos seis errados. Quem gostava de abrir barriga de lagartixa de manhã, ia ser médico; eu não gosto também, não. E quem não dava para nada ia estudar Direito – era o meu caso.<sup>5</sup>

Entretanto, é nesse ambiente acadêmico que o discente Suassuna passa a ter um contato maior com entusiastas da literatura, arte, teatro e pintura. Passa a conhecer figuras essenciais ao futuro grupo armorial, como o já citado Hermilo

---

<sup>5</sup> Aula-espetáculo concedida Tribunal Superior do Trabalho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8ieVa2tVPac>. Acesso em 13 de nov. de 2018.

Borba Filho que junto a Suassuna, fundariam o TEP, José Lins e o compositor Lourenço da Fonseca Barbosa, de alcunha Capiba.

Em relação ao nome “*Armorial*”, este foi escolhido pelo escritor paraibano. Segundo Suassuna (1974, p. 9), “*armorial*’ é o conjunto de insígnias, brasões, estandartes e bandeiras de um Povo, no Brasil a Heráldica é uma Arte muito mais popular do que qualquer outra coisa.” E o autor paraibano informa mais um motivo para essa escolha:

[...] esse nome foi escolhido em primeiro lugar porque eu acho bonito, sonoro, musical... Movimento Armorial é bonito. Em segundo lugar, queríamos todos nós, em nossas respectivas artes, partirmos do universo da arte popular brasileira.<sup>6</sup>

Ariano Suassuna assumiu desde o início o papel de supervisor, escolhendo o que considerava à altura da arte armorial e apontando o que deveria ser deixado de fora “por não corresponder à Arte que sonhava há tanto tempo para o Brasil” (SUASSUNA, 1974, p.58). Tinha como foco criar uma arte brasileira erudita baseada nas raízes populares da cultura nacional e que buscasse combater o processo de vulgarização e descaracterização do cultural brasileiro.

Segundo Santos (2009, p.28), “o movimento só existiu por causa de Suassuna e graças a ele, porque, ao identificar pontos comuns e tendências paralelas em artistas e escritores, permitiu a sua reunião em torno de um centro”.

Como o próprio escritor afirma, pode-se dividir o Movimento Armorial em algumas fases. É necessário considerar a fundamentação artística e teórica que compreende a escrita de Suassuna, haja vista que é o resultado de acontecimentos da vida do dramaturgo.

## AS FASES DO MOVIMENTO ARMORIAL

Desde a sua “*preparação*”, o Movimento Armorial sofreu diversas mudanças e melhorias foram promovidas, mas sempre com foco da arte com aspectos que deveriam conter raízes populares e eruditas da cultura brasileira. (SUASSUNA, 1977).

Apesar da “*comunhão*” entre os artistas, o objetivo era que cada um, posteriormente, mostrasse sua arte individual e a liberdade criativa. Os diversos artistas e Suassuna se reuniam para debaterem sobre os novos rumos que a literatura e arte brasileira deveriam apresentar.

No dia 18 de outubro de 1970, o Movimento Armorial iniciou com um concerto da Orquestra Armorial da Câmara e uma exibição de pinturas, gravuras e esculturas, no programa “Três Séculos de Música Nordestina: do Barroco ao Armorial”, na Igreja de São Pedro dos Clérigos, em Recife. De acordo com Victor; Lins (2007) Suassuna, que sempre lançava seus projetos em datas com referências para ele, desejava lançar o Movimento nove dias antes, pois seria uma homenagem aos quarenta anos da morte do seu pai. Entretanto, a orquestra, somente, estava disponível para o dia dezoito.

---

<sup>6</sup> Depoimento sobre a música, a pintura, o romance, o teatro, o cinema, a dança e a poesia Armorial. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=h0RgfX\\_k0yU](https://www.youtube.com/watch?v=h0RgfX_k0yU). Acesso em 01 out. 2018.

Esse acontecimento deu início a primeira fase do Movimento Armorial. O primeiro escrito recebeu o título de “Arte Armorial”. Foi chamada de fase “Experimental”. Esta teria como duração o período de 1970 a 1975. O grupo armorial, então, começa a ter contato com o público. Neste período, Suassuna era diretor do Departamento de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco (DEC). O cargo auxilia Suassuna a consolidar e divulgar as ideias do Movimento para outras regiões fora do estado de Pernambuco. (VICTOR; LINS, 2007).

A segunda fase foi intitulada de “Romançal”. O nome faz alusão aos diversos ideais que desenvolviam em relação à proposta inicial. O início desta, ocorreu com lançamento da Orquestra Romançal Brasileira, no Teatro Santa Isabel, em Recife, no dia 18 de dezembro de 1975. Antes disso, Suassuna tornou-se Secretário de Educação e Cultura do Município de Recife. Foi uma das épocas de maior produção do Movimento.

Porém, foi neste período que o autor paraibano “*silencia*” a produção literária e trabalhos relacionados às artes armoriais. Conforme Santos (2009, p. 31) pode-se “arriscar a data de 1981 como o fim do movimento.”. O “*calar*” de Suassuna durou seis anos. Talvez, fosse uma maneira de aprofundar e evoluir o Movimento ou uma forma de demonstrar sua insatisfação com a incompreensão da proposta deste. Entretanto, mesmo distante, Suassuna ainda fazia considerações.

No ano de 1990, Ariano Suassuna toma posse na ABL. Com isso, voltam às entrevistas, os prefácios e o surgem às aclamadas aulas-magnas que percorreriam por todo país. A terceira fase, chamada “Ilumiara”, se inicia. O Movimento Armorial adquiriu ânimo e coparticipação de diversas iniciativas. O escritor paraibano volta a sua jornada nos mais diversos centros culturais, escolas e universidades para difundir a valorização da cultura brasileira. Sempre de forma cômica, sem aceitar quaisquer formas de pagamentos e apresentando artistas dos mais diversos contextos artísticos..

Apesar da suma importância do Movimento e de todo seu reconhecimento, este também foi alvo de críticas. Uma das indagações seria em relação à conduta do Movimento. Questionava-se que a arte “*Armorial*” era desconhecida de um grande público, tornando-se uma arte, também, elitista. A esse respeito, Suassuna citado por DIDIER (2000, p. 46) deixava claro o sentido de sua obra: “Eu não escrevo para o consumo de classe nenhuma. Parto de formas de arte e literatura populares do Nordeste, porque gosto delas e porque, assim, expresso meu universo ficcional”.

Segundo Loan (2008) quando trata do Movimento Armorial no campo da música, sem uma linha rígida de princípios o próprio Suassuna o considerou “um movimento aberto” (1974, p.17). Isso não significaria, contudo, que essa “abertura” fosse capaz de fugir da zona de influência do romanceiro popular nordestino e os desdobramentos para as outras artes.

Para ele, as danças nordestinas do xaxado ao frevo, da marujada ao reisado; o teatro nordestino, enquanto espetáculo popular do mamulengo, do cavalo-marinho e do bumba-meu-boi, enfim, sobretudo, a música tradicional nordestina com o uso de instrumentos como a viola advinda dos jograis lusos e do alaúde árabe via portugueses no nordeste dos sécs. XVI ao XVIII, a rabeca sem a qual não há baião, os pífanos de ordem indígena, as zabumbas dos maracatus, o “marimbau”, uma criação armorial derivada do berimbau, os triângulos dos xaxados e dos xotes, entre tantos outros, formaria a orquestração armorial apresentando composições modais,

especialmente utilizando-se da chamada “escala nordestina” ou as variações do mixolídio ou às vezes o modo dórico com alternâncias de tipo quarta aumentada e sétima diminuta que aparecem sempre nos baiões, em alguns lundus “bairanos” e nos frevos e influências nas melodias que remetam a cantigas da lírica Galaico-Portuguesa e outras do Segrel Português já modificado na colônia.

O repertório musical do Movimento Armorial traduziu em sons as histórias, as paisagens e o povo do sertão por meio de séculos de cultura e resistência, retratados na literatura dos grandes mestres José de Alencar, Joaquim Távora, Euclides da Cunha, José Lins do Rêgo, Leandro Gomes de Barros, entre outros, evocados na grande arte de Ariano Suassuna, artista apaixonado por sua terra, sua tradição, seu país.

Em 2010, ocorreu a comemoração dos quarenta anos do Movimento Armorial. Por todo Brasil houve várias exposições, amostras, relançamentos de livros, entrevistas e homenagens. Nessas ocasiões, Suassuna reiterou o desejo fundamental do Movimento Armorial de combater a vulgarização da arte brasileira (NEWTON JUNIOR, 2011).

## **O ROMANCE D'A PEDRA DO REINO E O PRÍNCIPE DO SANGUE DO VAI-E-VOLTA**

É fundamental destacar a obra “Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta”, publicada em sua primeira edição no ano de 1971, e considerada o apogeu para a constituição do Movimento Armorial. Seria uma espécie de “romance armorial brasileiro”. Foi prestigiada e aclamada por vários escritores. O prólogo, intitulado “Um romance picaresco?” foi escrito por Rachel de Queiroz. Ela afirma:

[...] a primeira vez em que Ariano Suassuna me falou na Pedra do Reino disse que estava escrevendo “um romance picaresco”. Mas o paraibano me enganou. Porque depois de pronto “A Pedra do Reino” transcende tudo, e é romance, é odisseia, é poema, é epopeia, é sátira, é apocalipse... (QUEIROZ, 2006, p. 15).

Suassuna escreve a obra com o intuito de ratificar a identidade nacional, ou seja, a essência do Movimento Armorial. O próprio Suassuna revela sua importância ao afirmar que “se um dia todas as suas obras fossem destruídas e apenas uma pudesse ser preservada, que fosse esse romance” (TAVARES, 2007, p. 149).

Consoante Victor; Lins (2007), a obra do “Romance d’ A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta” é a representação da produção literária que reúne e representa da melhor forma o “universo” de Suassuna. A obra agrega elementos do cordel, autobiografia, novela de cavalaria, prosa, história de amor, de cólera e de sangue. O enredo não é linear. É uma reunião de várias histórias incorporadas em uma história singular.

Observa-se que, a partir do título, o autor acrescenta a palavra “Romance” no sentido de não ser apenas a especificação do gênero a que pertence o livro, mas para fazer uma relação à poesia trovadoresca provençal, a exemplo das Novelas de Cavalaria medievais. Conforme Vargas (2007, p.189):

Segundo Ariano Suassuna, a principal raiz de influência para a cultura brasileira, sobretudo no sertão, é a produção artística e cultural medieval na Península Ibérica. Em vários escritos, o dramaturgo sublinha a força desse vínculo como sendo o mais importante para a definição de uma arte de representação nacional.

A obra de Suassuna intercala prosa com narrativa em primeira pessoa, sendo algo próximo a um monólogo, entretanto, em certos momentos do livro existe poesia e ilustrações. Com base na proposta do Movimento Armorial, o autor utilizou-se dos moldes de textos medievais. Além disso, sua divisão não é feita por capítulos, e sim em folhetos.

Os folhetos de cordel sempre foram ressaltados por Suassuna. De acordo com Santos (2009) “[...] o romanceiro e o folheto são, ao mesmo tempo, fonte e modelo de um aspecto particularmente original no Movimento Armorial: a relação estreita entre as diferentes expressões artísticas e os próprios artistas.” (p.35).

Para Suassuna, os folhetos de cordéis têm a capacidade de reunir diversas contribuições para a arte. A prosa colaborava para com a literatura e o teatro. As chamadas xilogravuras, que estampavam as capas dos cordéis, contribuíam com as artes plásticas. E a música era favorecida por meio da expressão do “*cantar*” de versos e estrofes que compunham o cordel (SUASSUNA, 2007). Com isso, o objetivo do autor paraibano e do Movimento Armorial de propagar a originalidade na criação nacional artística era assegurado.

Percebe-se que o Movimento Armorial se utiliza de diversas manifestações artísticas, inclusive consideradas primárias e eruditas, com a finalidade de criar a sua arte. A ideia de ser somente um movimento voltado para o popular não condiz ao alcance que os artistas armoriais, por meio da sua arte, atingiram.

Tendo em vista o interesse e a produção de peças teatrais, reportagens, livros, teses e artigos acadêmicos que são produzidos a partir da repercussão do Movimento Armorial, logo, Ariano Suassuna obteve o reconhecimento em realizar um projeto estético singular brasileiro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Impulsionado pelo desejo de incentivar à arte literária nacional, este artigo intentou analisar o papel de Ariano Suassuna na criação de um projeto estético singular e brasileiro. Ao explorar as produções do escritor paraibano, corrobora-se a junção de Suassuna a cultura popular, e uma defesa da imposição massificada estrangeira que ocasionava à desvalorização da arte literária nacional.

A partir da análise bibliográfica, notam-se os fatores que motivaram Suassuna a refletir sobre a cultura brasileira e, com isso, a necessidade de valorizar o nacional. A fundação do Movimento Armorial tornou notável o trabalho de vários artistas populares nos diversos tipos de público. A apresentação de situações corriqueiras de modo que provocassem reflexões maiores permite que os escritores, artistas e músicos armoriais se apresentem, sem perder a essência, em palcos, escolas e eventos de todo o país.

A discussão das características da literatura erudita e da literatura popular demonstra o intuito de procurar aproximá-las sem demonstrar que são equivalentes, mas que uma pode impulsionar à outra no incentivo de tornarem os livros presentes

na vida dos leitores. A leitura, principalmente, das obras consideradas clássicas, ainda, é vista como uma “*imposição*” de professores e vestibulares para com os alunos. Porém, os argumentos expostos constataam que os clássicos exigem uma atenção maior por parte do leitor, mas não os tornam inacessíveis.

Espera-se que este trabalho incentive o conhecimento da literatura nacional e a sua importância nos espaços acadêmicos e sociais, para não a tornar obsoleta em relação à produzida fora do Brasil. A cultura brasileira é diversa e, também, pode ser um fator importante de desenvolvimento da economia do país.

A forma de reproduzir as situações ocorridas, em sua vivência, em manifestos culturais reconhecidos nacionalmente, tornam Ariano Suassuna um fundamental representante da arte popular brasileira e um escritor ímpar.

## REFERÊNCIAS

LOAN, Rafael Bastos. **A Organologia e adaptação timbrística do Movimento Armorial**. Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, 2008.

BIZZOCCHI, Aldo. **O clássico e o moderno, o erudito e o popular na arte**. In: Líbero. São Paulo, v.2, n.3/4, p.72-76, 1999.

BORBA FILHO, Hermilo. **“Um problema de Cultura Popular”** *Ensaio*. Secretaria da Educação e Cultura do Estado Pernambuco, n.1: 71-87, jul/dez, 1970.

CAMPOS, M. H. **Para ler literatura**. In: FILADELFIO, J. A. Literatura, Indústria cultural e Formação humana. Assessoria de Comunicação Social da Universidade Federal de São João Del-Rei /MG, 2002.

DIDIER, Maria Thereza. **Emblemas da sagração armorial: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial (1970 – 76)**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2000.

MAFRA, N. D. F. **A Literatura de massa como iniciação à literatura adolescente**. Contexto & Educação, Ijuí, n.45,1997.

MAGNO, Paschoal Carlos. **“O Teatro de Estudante”**. *Dionysos*. Rio de Janeiro: MEC, DAC- Funarte, Serviço Nacional de Teatro, n.23, 1978.

QUEIROZ, Raquel de. Um romance picaresco? In: **SUASSUNA, Ariano Villar. Romance d“A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2006.

ROCCO, M. T. F. **Literatura/ensino: uma problemática**. São Paulo: Ática, 1981.

SANTOS, Ildelette Muzart Fonseca dos. **Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

SODRÉ, Muniz. **Teoria da Literatura de Massa**. São Paulo, SP: Ed. Tempo Brasileiro, 1978.

----- **Best-seller: a literatura de mercado**. São Paulo: Ática, 1985.

SUASSUNA, Ariano. **O Movimento Armorial**. Recife: Editora Universitária, 1974.

----- **Movimento Armorial**. Separata de: Revista Pernambucana de Desenvolvimento, Recife, v.4, n.1, p. 1-20, jan. jun. 1977.

-----. **Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta** . 10 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

VICTOR, Adriana; LINS, Juliana. **Ariano Suassuna: um perfil biográfico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. LTDA, 2007.

<https://www.youtube.com/watch?v=QoKMFszPz-A>>. Acesso em: 07 mai. de 2018.

[https://www.youtube.com/watch?v=h0RgfX\\_k0yU](https://www.youtube.com/watch?v=h0RgfX_k0yU). Acesso em: 01 out. de 2018.

<https://www.youtube.com/watch?v=rT2Kty-kc8U>. Acesso em: 10 nov. de 2018.

<https://www.youtube.com/watch?v=8ieVa2tVPac>. Acesso em: 13 nov. de 2018.

<https://www.youtube.com/watch?v=FL-qbf0udq8>. Acesso em: 17 de nov. de 2018.